

# ALFABETIZAÇÃO VISUAL

## Visual literacy

Aline Steinmetz dos Santos<sup>1</sup>

Ester Zingano<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo descrever nossa pesquisa para conclusão de curso, referente ao tema Alfabetização visual, explicitando o importante papel que a imagem e sua leitura possuem neste tipo de educação. Ainda neste trabalho, dissertamos sobre a metodologia triangular, e por fim apresento alguns resultados obtidos em pesquisa de campo feita no período que corresponde ao estágio obrigatório.

Palavras-chave: Imagem. Alfabetização. Alunos.

**Abstract:** This paper have as objective to describe my research for conclusion of degree course, concerning the subject Visual Literacy, making explicit the important role the image and it's reading have in this kind of education. Also in this paper work, I come to discourse about triangular methodology and finally, come to present some results obtained from field research in the period that corresponds to the compulsory internship.

Keywords: Image. Literacy. Students.

### Introdução

O propósito deste estudo é sensibilizar, por meio de pesquisa bibliográfica, a utilização da imagem como recurso pedagógico, e sua leitura no cotidiano escolar, demonstrando sua importância para o desenvolvimento de nossos alunos, justificando assim o tema escolhido. Tendo como área de concentração escolhida o ensino e aprendizagem em artes visuais, pois é a área que motiva os educandos para que obtenham conhecimentos estéticos e artísticos, tendo como resultados o aumento do repertório cultural e imagético, o desenvolvimento da percepção crítica e capacidade intelectual.

Desde o momento em que abrimos os olhos ao nascer, a imagem encontra-se presente nos envolvendo em todos os momentos e em todos os lugares. Nós a enxergamos, porém ainda não compreendemos os seus múltiplos sentidos, e no decorrer de nossas vidas vamos aprendendo a reconhecer esses símbolos. No entanto, enxergá-los nem sempre quer dizer que saibamos interpretá-los.

Poderíamos, certamente, apontar o nome de cada imagem (objetos individuais) que nos é exposta, porém ao nos depararmos com um conjunto destas, seja em obras de arte, fotografias, *outdoors*, onde seus objetivos não estão explícitos, temos uma dificuldade em descrever o que estamos vendo, ou, muitas vezes, nem conseguimos decodificá-las.

Não se trata, pois, de aprender a ler uma imagem (como identificação de elementos visuais isolados), mas sim de conhecer criticamente as diferentes manifestações artísticas de cada cultura (e não só obras de arte definidas como tais pela cultura ocidental e reconhecidas em seus museus e enciclopédias). E se o conhecer é o primeiro passo, a reflexão sobre o visual como forma de interpretação da própria cultura seria o outro. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 78-79).

---

<sup>1</sup>Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniasselvi.com.br>.

---

Exceto aqueles que sofrem de algum tipo de doença que os impossibilite de enxergar, todos possuímos esta capacidade, sendo ela exercida sem o menor esforço, pois se trata de um mecanismo fisiológico. Mas será que realmente vemos?

Praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos. Ou naquilo que queremos ver. Essa descrição, porém, é apenas a ponta do iceberg, e não dá de forma alguma e exata medida do poder e da importância que o sentido visual exerce sobre nossa vida. Nós o aceitamos sem nos darmos conta de que ele pode ser aperfeiçoado no processo básico de observação, ou ampliado até converter-se num incomparável instrumento de comunicação humana. (DONDIS, 2007, p. 6).

Temos com nossas crianças uma grande preocupação para que todas sejam alfabetizadas, muitas campanhas são realizadas nacionalmente com este intuito, são promovidas palestras e formações de professores com objetivo de prepará-los adequadamente. Porém, não constatamos o mesmo esforço para que aconteça uma alfabetização visual, sendo esta, tão importante para o desenvolvimento de nossos futuros cidadãos, quanto a alfabetização em letras. Este tipo de aprendizado está intrinsecamente ligado à necessidade de desenvolvermos nossa percepção, de desenvolvermos nossa capacidade de refletir perante tudo que nos é apresentado. Desse modo, vamos exercitando nossos diálogos a fim de construir argumentos e assim discordar ou concordar com o que na maior parte das vezes nos é imposto.

### **Imagem x educação**

A imagem está intimamente ligada à história da humanidade, sendo um recurso riquíssimo para conhecimento de culturas e povos antigos. Um exemplo deste fato, são as representações gravadas nas paredes das cavernas do período pré-histórico, que nos deram subsídios para compreender como o homem daquela época vivia, demonstrando desta maneira, como a imagem é um meio muito forte de comunicação. Não apenas na Pré-história, mas no decorrer de toda história do mundo a imagem se encontra e se comunica.

As imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana que chegaram até nossos dias. O mundo da Pré-História é conhecido pelas inscrições rupestres; o mundo da Antiguidade, pelas suas imagens inscritas em paredes ou em diferentes suportes como os vasos. Mas, além das imagens bidimensionais, são conhecidas ainda as imagens tridimensionais, como dólmens, menires, obeliscos ou ainda os relevos, esculturas e estátuas, que frequentemente identificam a grandeza das civilizações antigas da Mesopotâmia, Egito, Pérsia, Grécia e Roma – para nos restringirmos às menções recorrentes do senso comum. Isso significa dizer que, diante dos usos públicos da História, a imagem é um componente de grande destaque, mesmo que nem sempre seja valorizada como fonte de pesquisa pelos próprios profissionais da História. A imagem condensa a visão comum que se tem do passado. (KNAUSS, 2006, p. 98)

As imagens nas artes, possuem o papel de transmitir as ideias que o artista possui, seja sobre o modo de viver de um determinado povo, ou algum tipo de crítica a sociedade, ou até mesmo a própria arte. A imagem “transmite” e está em constante relação com o homem.

---

As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamentos e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. (MANGUEL, 2001, p. 21).

E justamente por estar sempre em ligação direta com o desenvolvimento humano a imagem também se desenvolve, também se moderniza e por conter acesso fácil é amplamente usada. Nesse momento se constata o quanto é indispensável que se realizem as devidas interpretações, em outras palavras, se torna prioridade aprender a ler o que essas imagens nos dizem.

A imagem dentro do contexto educacional teve diversos momentos de presença e também de ausência. Segundo Rossi (2003, p. 43), “em síntese, a imagem esteve presente na educação tradicional; posteriormente, durante a Modernidade, foi abolida para não contaminar o aluno em sua livre-expressão e, agora, está voltando com novos objetivos”. O que fica claro é que precisamos estar prontos para novas maneiras de fazer com que o ensino visual aconteça.

Essa educação visual é uma educação que busca a construção de saberes, de mentes sensíveis que possam interpretar as imagens nas suas inúmeras formas, e é a disciplina de artes que assume essa função dentro da escola. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 19) para o ensino em artes:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

A preocupação de tornar a sala de aula um dos agentes na preparação desta alfabetização é cada vez mais constante, e as metodologias que visam tal aprendizagem tornam-se grandes aliadas. Um exemplo deste tipo de metodologia é a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa. Esta proposta teve origem na Inglaterra e Estados Unidos, na década de 60, onde tiveram pesquisas que buscavam um jeito de trabalhar de forma unificada a história da arte, a crítica, estética e produção. Esta pesquisa chamava-se “*Discipline Based Art Education*” (DBAE). Esta proposta foi trazida para o Brasil no final dos anos 70 por Ana Mae Barbosa, sendo preciso alguns ajustes em função da nossa realidade educacional.

Esta proposta faz do ensino e aprendizagem de artes um meio inestimável para realização da alfabetização visual. Ela fundamenta-se em três etapas que são a leitura de imagem, história da arte e fazer artístico. Ou seja, consiste em levar as imagens para sala de aula, proporcionando aos alunos situações de apreciação e contextualização histórica, para que possam compreender desta forma, a razão que motivou o artista a realizar suas obras. Este apreciar e contextualizar, transforma-se em um fazer artístico que incentiva os alunos a realizarem suas composições. Assim, estamos ensinando os alunos a refletirem o que lhes é apresentado, não apenas de maneira estética, propondo nestas aulas debates em relação às diferentes percepções que cada um obteve de uma mesma imagem, sendo estas etapas importantes para o aprendizado dos docentes.

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando o público para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema, da televisão e dos CD-ROM o prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, 2010, p. 36).

---

Desta maneira, a escola acaba tornando-se principal instrumento, que liga o mundo das artes aos seus alunos, almejando propósitos que vão além de uma apreciação para um aprendizado estético. Quando apresentamos nas aulas imagens, sejam elas obras de arte ou cenas de livros didáticos, ou ainda quaisquer ilustrações atuais ou de outras épocas estamos contando a história do que está ali demonstrado com linhas, formas e cores. Não estamos falando das figuras em si, mas do conteúdo que elas trazem consigo. As vantagens de se trabalhar usando as imagens, como principais veículos de transmissão de conhecimento são inúmeras, e auxiliam no desenvolvimento intelectual dos estudantes sejam eles, crianças, adolescentes ou adultos.

Outra questão que deve ser levada em consideração, é como nós professores, devemos prestar atenção às leituras realizadas, procurando na medida do possível, mediá-las sem excluir as possibilidades levantadas por seus leitores, mas despertando novas questões em relação a estas. Essa fruição sempre vem acompanhada por sentimentos de quem as observa. É importante lembrar, que ela é resultado de uma fusão entre o que está sendo contado sobre este objeto, e o que está sendo visto, e sobre a realidade de quem a está observando. Por esse motivo uma mesma imagem ganha diversos significados, e isto se observa quando essas leituras são debatidas coletivamente, onde estas definições são influenciadas pela trajetória de cada pessoa. Analise Dutra Pillar (1999, p. 15), outra autora citada nesta pesquisa, esclarece:

Ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e de apropriação do mundo.

Deste modo, não existe espaço para avaliações de certo ou errado, mas a constatação de que um mesmo objeto (imagem) pode ser visto de vários modos e pessoas diferentes, atribuindo-lhes ou não um significado, percepção ou sentimento.

### **Material e métodos**

Para realização deste trabalho de graduação, optou-se pela pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Foram utilizados como principal instrumento de coleta de dados, livros, artigos e publicações que apontam a necessidade da educação visual, a utilização da imagem e a prática de leitura de imagem na sala de aula.

Utilizei alguns dados coletados durante meu período de estágio, para demonstrar na prática como a aplicabilidade da imagem e sua leitura em sala de aula são benéficos. Estas observações foram feitas a partir de atividades de leitura de imagem, em uma turma do 2º ano do ensino fundamental das séries iniciais, uma turma do 7º ano do ensino fundamental séries finais e em uma turma do 2º ano do ensino médio.

Nas três turmas, a metodologia usada foi baseada na proposta triangular, e as atividades eram basicamente realizar leituras de imagens individuais e a partir destas, cada aluno deveria construir seus desenhos e pinturas. Os resultados foram variados de turma para turma.

Com a turma do 2º ano do ensino fundamental, utilizei a imagem da obra de Joan Miró, *A mulher e o gato*. Conforme os alunos foram identificando objetos em meio da imagem fui

---

mediando a fruição da obra, contextualizando superficialmente sobre obra e artista, visto que as crianças não estavam acostumadas com atividades deste tipo tornando-se agitadas durante explicações muito longas. Desta forma, o fazer arte, com outros materiais e suportes, foi mais trabalhado do que a leitura de imagem em si. A compreensão sobre a atividade de leitura de imagem acabou por ser prejudicada, e as cópias da imagem exposta fizeram-se presentes. A seguir, exemplos da atividade realizada com a turma 21, onde foi utilizada tinta guache sobre folha de cartolina e desenho com vela.

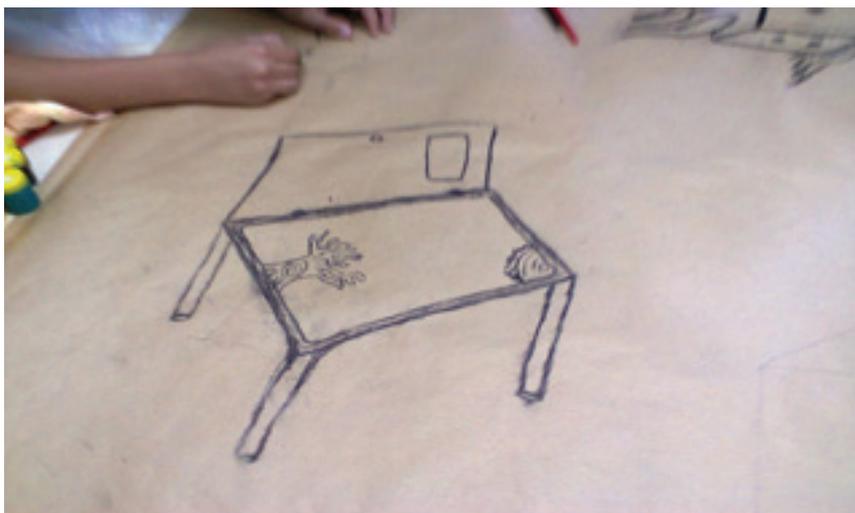
**Figura 1.** Atividade com tinta guache sobre folha de cartolina e desenho com vela



Fonte: Os autores

Já com a turma do 7º ano, trabalhamos com imagens das obras de Giorgio de Chirico, procurando contextualizar obra, artista e tempo, e deixando com que os alunos fizessem suas composições com base no que leram destas obras. Nesta turma, a contextualização foi realizada, mas poucos prestaram realmente atenção, repetindo as cópias que geralmente são utilizadas nas aulas de artes. Mesmo sendo explicado diversas vezes o que era leitura de imagem, ainda assim foram poucos que realizaram o que havia sido proposto. A seguir, trabalho realizado sobre papel *kraft* e carvão vegetal, por um aluno da turma 72.

**Figura 2.** Trabalho realizado sobre papel *kraft* e carvão vegetal



Fonte: Arquivo pessoal

---

Na turma do 2º ano do ensino médio, utilizamos imagens de obras de Salvador Dalí, contextualizando obra, artista e movimento artístico, levantando algumas perguntas e sugerindo reflexões, ao passo que a turma se envolvia com o assunto, e dialogavam entre si sobre a aula. A maior parte da turma compreendeu a atividade proposta, e as leituras de imagem foram as mais diversas. A seguir leitura em papel e grafite, realizada por aluna da turma 204.

**Figura 3.** Leitura em papel e grafite



Fonte: Arquivo pessoal

### **Resultados e discussão**

Durante toda execução desta pesquisa, fica evidente a necessidade e importância do uso da imagem em sala de aula, pois não existe educação visual sem sua principal ferramenta que é a imagem, sejam elas de qualquer origem.

Acredita-se que a alfabetização visual ocorra dentro das escolas e que este é um processo que deve ser trabalhado desde a educação infantil, obviamente respeitando e adaptando essas atividades em relação às respectivas idades. Na verdade, esse tipo de alfabetização ocorre através do exercício de observação, que deve ser contínuo e aperfeiçoado no decorrer de nossas vidas.

Fazendo um comparativo referente a minha pesquisa de campo, os resultados são os mais diversos, pois cada turma teve um despertar diferente. Seja pela criatividade que quase é esquecida por trabalhos com desenhos estereotipados com as crianças das séries iniciais, ou por aprender novas técnicas e suportes para realização de desenhos e pinturas, como foi o caso dos alunos do ensino fundamental, ou ainda a conversa direcionada e mediada sobre arte entre os alunos do ensino médio.

O que fica é o desejo de mudanças dentro do ambiente escolar, mudanças essas que são solicitadas pelos próprios alunos. Com tantos avanços tecnológicos faz-se necessário que a escola e que os professores se modernizem, mudem o enfoque das aulas, tornando-as mais atrativas e com real aprendizado. Que a imagem não seja usada sem orientação adequada, que não se transforme em um modelo exposto, com intuito de ser copiado. Ou ainda, seja objeto de apreciação para identificação de belo ou feio. Que a imagem, de obras de arte ou não, seja usada com todo seu potencial, enquanto meio de aquisição de conhecimentos.

---

## Considerações finais

No decorrer deste estudo, buscamos salientar a utilização da leitura de imagem como uma ferramenta valiosa no ensino. Então ler imagens nada mais é do que saber interpretá-las, porém esta interpretação vai muito além das formas, cores e texturas que a imagem possui, pois estão carregadas de significados subjetivos.

Neste momento o papel do professor faz toda diferença e sua preparação é extremamente necessária, para atingir o objetivo de tornar nossos alunos consumidores conscientes de imagens. Sem a devida preparação, os professores podem cair na armadilha de tornar o uso de imagens em sala de aula objetos de cópias, descontextualizadas com cunho meramente estético, tornando assim as aulas de artes desestimulantes, nada pedagógicas e sem atrativo algum.

O arte-educador bem preparado, transforma suas aulas em momentos extremamente agradáveis e consegue com que seus alunos atinjam conhecimentos muito maiores que apenas desenhar e pintar. Instigando a criatividade e a imaginação, realiza atividades que trabalham a percepção individual e convertem essas percepções em objetos artísticos que transmitem o entendimento de cada aluno, podendo utilizar as diversas linguagens das artes.

Barbosa (1991) explica que “cada pessoa em cada época tem direito a sua interpretação”, deixando claro que não existe um certo e errado no que diz respeito a leitura de imagem, cada indivíduo lê de maneira única, pois une suas experiências pessoais ao objeto que está sendo analisado.

Ainda temos um longo percurso a realizar na área de alfabetização visual, e mudanças referentes a este tipo de ensino ainda caminham a passos lentos. Devemos como futuros professores, estimular nossos educandos para que cada vez mais questionem as imagens que lhes são apresentadas, os orientando a refletirem e pesquisarem sempre. Segundo o ditado popular que diz: “uma imagem vale mais que mil palavras”, de nada adiantará se não soubermos ler o que elas nos dizem, e o efeito será o mesmo que estar olhando para um papel em branco.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 8. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de educação do ensino médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEM, 2000.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção a).

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

---

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens**: arte e cultura visual. v. 8. Niterói: Niterói livros, 2006.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. Traduzido por Rubens Figueiredo [et al.]. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2003.

---

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.